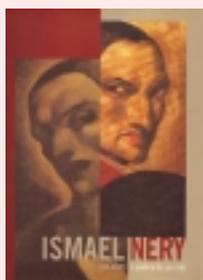


ISMAEL NERY: UM ARTISTA MELANCÓLICO



Se na literatura o sentimento melancólico é explicitamente colocado, nas artes plásticas em geral ele assume formas mais subjetivas. O sentimento melancólico traçado no livro de Moacyr Scliar está presente também na obra do pintor, desenhista e poeta Ismael Nery. Paraense, cresceu no Rio de Janeiro e teve uma vida intensa e breve. A crítica de arte Celita Procópio de Carvalho se refere a ele como um artista "imerso em imensa melancolia", cuja poesia está

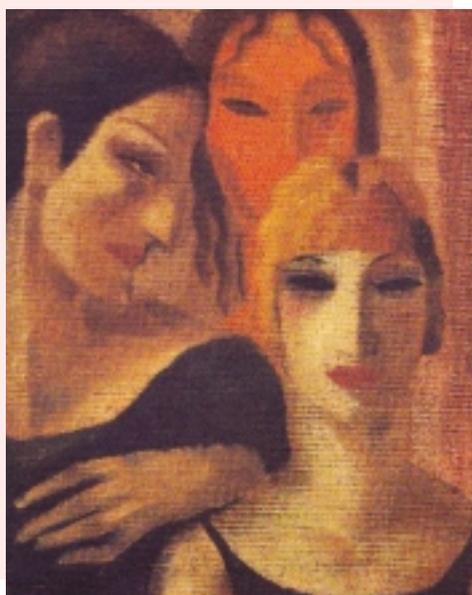
"impregnada por um clima soturno", no livro comemorativo de seu nascimento, *Ismael Nery, 100 anos, a poética de um mito*, editado pela Fundação Álvares Penteado, em 2000.

O artista demonstrou uma inteligência marcante ressaltada pelos poucos amigos com os quais convivia. Entre eles, o escritor e poeta Murilo Mendes, grande divulgador do trabalho, do pensamento e da personalidade de Ismael Nery. Mendes foi quem resgatou sua obra à revelia porque, antes de morrer, Nery lhe pediu que jogasse fora todos os seus quadros e desenhos.

Ismael Nery foi um exemplo brasileiro do intelectual cuja genialidade e talento tem um preço, o peso da melancolia. No final da vida, Ismael foi internado num hospício, quando já sofria da tuberculose que lhe tirou a vida aos 33 anos. Conta Murilo Mendes que ao ser perguntado pelo médico sobre sua rotina, Nery respondeu: "Como bem, mas quase não durmo, fico passando em revista todos os problemas da humanidade".

Ismael Nery considerava a pintura a mais nobre das artes, uma das maneiras do homem compreender a realidade que o cerca. Na contra-corrente do Modernismo que imperava na época em que viveu e trabalhou, rejeitou a pintura de cunho nacionalista partindo para a construção de tipos mais universais. Segundo Murilo Mendes, o pintor dizia que sua arte expressaria inevitavelmente a psique brasileira devido ao fato inevitável dele ser brasileiro.

Rejeitava, portanto, os programas modernistas. Também não fez propaganda de si mesmo, em meio a toda efervescência do Rio de Janeiro da década de 1920. Esteve sempre fora de cartaz e, como todo legítimo melancólico, preferia o isolamento e o convívio com o pequeno, mas fiel, grupo de amigos. A morte foi sempre uma idéia presente para Nery, que a encarava como parte do entendimento da vida: aos 15 anos previu que morreria na idade de 33 e, pouco antes de morrer, declarou que morreria na primeira sexta feira da Páscoa, o que de fato aconteceu.



Fotos: reprodução

Ciência e Literatura

OLIVER SACKS É UM ANTROPÓLOGO EM MARTE

O inglês Oliver Sacks é um neurologista com muitos pacientes para estudar e histórias para contar. O olhar de Sacks sobre seus pacientes, nos nove livros que já publicou, torna-os extremamente interessantes revelando mistérios da mente humana. Algumas das obras, pelo potencial em dramaturgia, foram adaptadas para o cinema. O filme mais conhecido é *Tempo de despertar*, baseado no livro de mesmo nome, produção de 1991, tendo Robin Williams e Robert De Niro nos papéis principais. O livro conta a história de um grupo de pacientes com letargia encefálica, que retornam subitamente ao mundo após décadas de "sono". Presenciar o "renascimento" dessas pessoas permitiu a Sacks repartir a experiência daquelas vidas incomuns - que maravilharam e intrigaram o autor - com muitas outras pessoas, via literatura e cinema. Além de um humanizado neurologista, Sacks também se revela um exímio contador de histórias. Em sua obra, a complexidade de seus casos clínicos aparece em narrativas envolven-

tes e muito próximas do cotidiano das pessoas. Muitas vezes, os pacientes parecem ser apenas um pretexto para Sacks compartilhar com os leitores a dura fragilidade humana e os esforços empregados para a sobrevivência em meio a grandes adversidades que transformam a vida em uma realidade, muitas vezes, quase insuportável.

O caso do pintor que ficou daltônico, contado no livro *Um antropólogo em Marte*, é um exemplo da incrível capacidade de adaptação humana a condições adversas. Esse pintor torna-se completamente daltônico devido a um acidente de carro, deixa de viver no mundo colorido conhecido para olhar a vida nas tonalidades cinza, preta e branca. Sacks consegue transmitir as emoções causadas por essa transformação na vida de um artista que tinha na cor sua inspiração, e relata o lento processo de adaptação, nada fácil, à nova realidade.

Em *A ilha dos daltônicos*, o neurologista depara-se com uma situação peculiar numa ilha do Atol de Pingelap, no Pacífico. Isolados, os habitantes da ilha nasciam daltônicos e desenvolviam um tipo de vida completamente adaptado a essa condição. E, se lembrarmos de Darwin e Wallace, podemos entender ainda melhor o fascínio de Sacks pelo caso, porque a ilha foi um dos objetos do estudo que deu origem à teoria da evolução, e não dá para pensar em evolução sem pensar em adaptação, aliás, em muitas adaptações – como as dos pacientes de Sacks.

Garimpendo reações e emoções na vida de seus pacientes, Sacks encontra um repertório rico para desenvolver seu viés literário. O escritor tira o avental e segue em busca de respostas mais abrangentes sobre a vida humana, incorporando à sua formação de neurologista a visão de antropólogo. Mostra

OS FANTASMAS QUE POVOAM NOSSO CÉREBRO



Uma estudante que tem um membro fantasma decorrente da amputação de sua perna esquerda após um acidente,

experimenta sensações estranhas no pé fantasma toda vez que tem relação sexual. O desespero dos pais de um rapaz que, após um acidente de carro, considera-os impostores. Em outro episódio, também envolvendo um acidente automobilístico, um agrônomo passa a ter alucinações que parecem reais. Um rapaz tem acesso incontrolável de riso no enterro da sua mãe; dias depois, é encontrado morto. Um outro rapaz relata estar em comunhão com Deus toda vez que tem uma crise epilética.

São fatos curiosos, abordados pela mente inquisitiva e criativa do cientista Ramachandran em seu livro *Fantasmas no cérebro*. Uma investigação dos mistérios da mente humana, escrito em parceria com Sandra Blakeslee, redatora de ciências do jornal *The New York Times*.

O cientista usa recursos de tratamento, que vão de espelhos à ressonância magnética,

em busca de abrir janelas para o entendimento da dinâmica cerebral humana em estados normal e anormal. Esses estados funcionais do cérebro são abordados através dessas narrativas, que combinam casos clínicos reais com dados provenientes de vários estudos. Os autores conseguem, assim, de uma maneira bastante extrovertida e usando uma linguagem simples e de fácil entendimento ao público em geral, explicar os mistérios da mente humana.

Ramachandran é neurologista e dirige o Centro do Cérebro e da Cognição da Universidade da Califórnia, em San Diego. O prefácio do livro é de outro cientista e também escritor de muito sucesso na área da neurociência, Oliver Sacks. Para aqueles que têm interesse em se aprofundar em alguns desses aspectos, os autores fornecem informações adicionais no final do livro.

Li Li Min

Serviço

Fantasmas no cérebro. Uma investigação dos mistérios da mente humana.

V.S. Ramachandran e Sandra Blakeslee. Editora Record, Rio de Janeiro, 417 páginas. 2002

que não é preciso ir longe, fazer uma grande viagem, cruzar oceanos, para descobrir um mundo sempre surpreendente, que existe dentro do “pequeno” espaço da cabeça das pessoas.

Juliana Schober

Serviço

Obras traduzidas para o português: *Enxaqueca, Tempo de despertar, O homem que confundiu sua mulher com um chapéu, Vendo vozes, Um antropólogo em Marte, A ilha dos daltônicos, Tio Tungstênio*